

## GRAMSCI: TRABALHO, EDUCAÇÃO E ESCOLA UNITÁRIA

## GRAMSCI: TRABAJO, EDUCACIÓN Y ESCUELA UNITARIA

## GRAMSCI: WORK, EDUCATION AND UNITARY SCHOOL

Gilberto Nogara Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo é discutir sobre algumas ideias que são imputadas ao italiano Antonio Gramsci (1891–1937), tais como: o trabalho como princípio educativo, a escola como trincheira avançada na guerra de posições (SAVIANI, 2013) e a construção da Escola Unitária já no modo de produção capitalista (MACHADO, 1988; SOARES, 1996; SOARES, 2000). A primeira ideia, de fato, foi Gramsci quem cunhou a partir do contexto italiano marcado pela Reforma Gentile, efervescência do operariado fabril italiano e ascensão do fascismo. A segunda se trata de uma inversão da tática gramsciana que tinha como caminho a preparação subjetiva das massas para a revolução fora da educação formal. E a terceira é decorrente de uma transposição teórica e temporal.

**Palavras-chave:** Trabalho; Princípio educativo; Escola Unitária.

**Resumen:** El objetivo es discutir sobre algunas ideas que se imputan al italiano Antonio Gramsci (1891-1937), tales como: el trabajo como principio educativo, la escuela como trinchera avanzada en la guerra de posiciones (SAVIANI, 2013) y la construcción de la Escuela Unitaria ya en el modo de producción capitalista (MACHADO, 1988; SOARES, 1996; SOARES, 2000). La primera idea, de hecho, fue Gramsci quien acuñó a partir del contexto italiano marcado por la Reforma Gentile, efervescencia del operario italiano y ascenso del fascismo. La segunda se trata de una inversión de la táctica gramsciana que tenía como camino la preparación subjetiva de las masas para la revolución fuera de la educación formal. Y la tercera es consecuencia de una transposición teórica y temporal.

**Palabras-clave:** Trabajo; Princípio educativo; Escuela unitária;

**Abstract:** Our aim is to discuss some ideas that are imputed to the Italian Antonio Gramsci (1891-1937), such as: work as an educational principle, school as an advanced trench in the war of positions (SAVIANI, 2013) and the construction of the Unitary School already in the capitalist mode of production (MACHADO, 1988; SOARES, 1996; SOARES, 2000). The first idea, in fact, was Gramsci who coined from the Italian context marked by the Gentile Reformation, the effervescence of the Italian factory laborer and the rise of fascism. The second is an inversion of the Gramscian tactics which had as its way the subjective preparation of the masses for revolution outside of formal education. And the third is due to a theoretical and temporal transposition.

**Keywords:** Work; Basis of education, Unitary School.

### Introdução

Para melhor compreender as três questões em voga dentro da esquerda educacional brasileira<sup>2</sup>, faz-se necessário partir de uma categoria que é central no pensamento de Gramsci, hegemonia - exercício do domínio e/ou liderança, coerção e consenso. Gramsci, em 1929, escreve Americanismo e Fordismo, onde analisa a ponta viva do capital, o ponto mais avançado de desenvolvimento das forças produtivas: aplicação da ciência, tecnologia e formas organizacionais dentro e fora da fábrica - a

necessidade de elaboração de um novo tipo humano apto à racionalização industrial fordista - nos Estados Unidos da América (EUA).

Do mesmo modo, Gramsci se lança a discutir as implicações da ponta viva revolucionária na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ou seja, com vistas a compreender a realidade italiana, do ponto de vista do desenvolvimento capitalista e das transformações no mundo do trabalho, bem como as implicações do desenvolvimento das forças produtivas 'de tipo americano' para a classe operária italiana e o rompimento – ou as transformações - da crosta sedimentada historicamente pelas camadas plutocráticas, tendo como perspectiva as possibilidades de abertura do caminho para a atuação do proletariado italiano rumo à revolução, sua análise contempla – relação nacional-internacional - os campos mais avançados de sua época, EUA e URSS.

### ***Americanismo-fordismo***

Gramsci em contraposição aos argumentos que imputavam o desenvolvimento extraordinário das forças produtivas estadunidense à abundância de matérias-primas e naturais, argumentava que a racionalização da produção e do trabalho naquele país foi possível graças a não existência de camadas plutocráticas aliada a combinação de força (destruição do sindicalismo operário) e persuasão (altos salários, benefícios sociais e propaganda política e ideológica). (GRAMSCI, 1978). Não existiam

[...] classes numerosas sem uma função essencial no mundo da produção, isto é, classes totalmente parasitárias. A 'tradição', a civilização europeia, ao contrário, caracteriza-se pela existência de tais classes, criadas pela 'riqueza' e a 'complexidade' da história passada, que deixou um punhado de sedimentações passivas através dos fenômenos de saturação e fossilização do pessoal estatal e dos intelectuais do clero e da propriedade agrícola, do comércio de rapina e do exército inicialmente profissional, depois conscritos, mais ainda profissional na sua oficialidade. Pode-se inclusive dizer que quanto mais vetusta é a história de um país, tanto mais numerosas e gravosas são estas sedimentações de massas de mandriões e inúteis, que vivem do 'patrimônio' dos 'avós', destes pensionistas da história econômica (GRAMSCI, 1968, p. 377).

A não necessidade de ocupar-se com estas questões demográfico-econômicas e a incorporação do transporte e do comércio às atividades industriais foram fatores importantes para a racionalização da produção. Na esteira de uma produção racionalizada havia a necessidade premente de elaborar um novo tipo humano, uma vez que “a vida na indústria exige um tirocínio geral, um processo de adaptação psicofísica para determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, costumes, etc.” (GRAMSCI, 1984, p. 391).

No campo da produção as principais características organizativas pela qual a indústria e o processo de trabalho sob o padrão de acumulação taylorista-fordista consolidaram-se ao longo século XX tinha como princípios básicos a

[...] produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista de produção e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões” (ANTUNES, 2011, p.p. 24; 25).

A expressão 'Gorila Amestrado'<sup>3</sup> é a síntese deste processo, qual seja, por um lado, romper com o nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado – este entendido no sentido de que a personalidade do trabalhador não pode mais refletir-se no objeto criado, típico da produção não-industrial - e, por outro lado, criar um novo nexos psicofísico, maquinal na fábrica e puritano fora dela - com o objetivo de impedir o colapso fisiológico, o 'novo industrialismo' buscava difundir a monogamia, a disciplina dos instintos sexuais e o controle dos vícios, principalmente o álcool. Em outras palavras, os movimentos cronometrados dos gestos produtivos ligados aos mais perfeitos processos de automação são incompatíveis com um trabalhador cansado (GRAMSCI, 1968).

A criação deste novo nexos psicofísico envolveu também a coerção (como por exemplo, a destruição do sindicalismo) e fundamentalmente, o consenso. Um dos elementos fundamentais para a busca pelo consenso foram os 'altos salários'. Aqui cabem duas ressalvas, a primeira é que estes altos salários foram pagos a uma aristocracia operária; e segundo que, o alto salário não foge a lei do valor, ou seja, para produzir a força de trabalho necessária à fábrica fordista, foi necessário um maior consumo de bens para a reprodução desta força de trabalho - exigia mais, consumia mais. Além disso, a indústria racionalizada detinha em âmbito mundial o monopólio imediato. Todo capitalista que seja a 'ponta viva', ou seja, que implemente formas organizacionais somadas à ciência e tecnologia têm o monopólio momentâneo de determinado ramo. Processo concorrencial. Este monopólio permitiu, para fins de obtenção de consenso, o emprego de parte da mais-valia em melhores salários. Mas o capital clama por igualdade (MARX, 2011) e logo fórmulas de sucesso sejam comprovadas, estas devem necessariamente ser implantadas e superadas. Daí o esforço de Gramsci em compreender o americanismo-fordismo nos EUA e quais implicações deste desenvolvimento na Itália e URSS.

### ***Breves notas sobre as implicações do desenvolvimento das forças produtivas do tipo fordista na Itália do ponto de vista do capital e do trabalho***

Na Itália, diferente dos EUA, existiam camadas que não estavam diretamente envolvidas na produção, detentores de terra que nestas não trabalham, mas auferiam renda desta terra, 10% da população ligado à estrutura Estatal, aposentados com 40 anos ligados ao Estado e aspectos religiosos, como por exemplo, se na família um membro passa a ser Cônego ninguém mais dedica-se ao trabalho manual. (GRAMSCI, 1978). Além disso, o transporte e o comércio não estavam ligados diretamente à atividade industrial.

No entanto, frente as transformações em âmbito mundial, a plutocracia italiana introduziu dentro da velha estrutura o modelo fordista de produção. Não havia – por conta das sedimentações parasitárias – a preocupação de romper com o antigo nexos psicofísico e de criar um novo tipo de trabalhador, Assim como nos Estados Unidos. Gramsci, a exemplo do ocorrido na URSS, afirma que o erro foi à adoção pura e simplesmente da coerção.

Não é possível estabelecer-se concorrencialmente, do ponto de vista capitalista, com a mais-valia sendo gasta para manter uma classe de mandriões-parasitários. A mais-valia deve necessariamente voltar à

produção, o objetivo é a valorização do valor. A hegemonia nasce na fábrica e universaliza-se a todos os setores. Por isso a resistência da camada plutocrática ou a tentativa de conciliar nova e velha estrutura.

O rompimento dos laços artesanais, vistos como qualitativamente superiores em relação a produção em série fordista, também se configurava como um entrave típico da velha estrutura. Entretanto, a 'ponta viva' do desenvolvimento das forças produtivas derruba, paulatinamente, qualquer barreira, seja ela física ou moral.

Quais as implicações do desenvolvimento de tipo americano para a classe trabalhadora na Itália? A produção de capital nasce na fábrica, à ciência e tecnologia e as formas organizacionais mais avançadas estão na fábrica, o trabalhador está na fábrica. A liderança, ou nos termos de Gramsci, a vanguarda cabe ao operário pelos motivos apontados, é este que está na 'ponta viva', é este que tem o papel de liderança – estabelecimento da frente única, operários do norte e camponeses do sul – com vistas à revolução, ao domínio.

Se hegemonia é dominação e liderança, se a preparação subjetiva das massas para a revolução tem como força espiritual o Materialismo Histórico Dialético, e como força material, o operariado fabril vinculado ao partido comunista, o sujeito histórico revolucionário na obra Gramsciana é o operário. Para Gramsci, é competência do Partido o papel de formação dos quadros revolucionários. Por partido político Gramsci entende que este só pode ser assim chamado quando “possui sua própria doutrina constitucional, quando consegue concretizar e divulgar sua própria noção da ideia de Estado, quando consegue concretizar e divulgar entre as massas um programa de governo, capaz de organizar praticamente um Estado” (GRAMSCI, 2004, p. 25).

A hegemonia nasce na fábrica, não nasce na escola ou na disputa pelo Estado burguês. Isto, entretanto, não quer dizer que Gramsci desconsiderasse a escola, ou ainda, uma possível luta pelos interstícios do Estado. Pelo contrário, tal luta também deve ser travada nestes espaços, no caso do Estado, Gramsci analisando os resultados do Congresso de Bolonha em 1919, onde o Partido Socialista Italiano (PSI) apresentou-se como um partido revolucionário de governo - “as eleições de novembro haviam criado na Itália a situação política que pode ser resumida na seguinte expressão: existem dois governos” (GRAMSCI, 2004, p. 26) - contando com amplo apoio da classe operária e de estratos camponeses, aliado a capacidade de propaganda foi “capaz de criar as condições políticas gerais para a fundação de um Estado operário” (GRAMSCI, 2004, p. 27).

A atmosfera italiana em pleno *Bienio Rosso* (1919-1920), tendo como horizonte a Revolução Russa, a ocupação de muitas fábricas italianas, as publicações operárias sendo impressas e distribuídas diariamente, emolduram o cenário que permitia a ocupação, a disputa – também - via Estado, com uma ressalva que faz toda a diferença, é condição necessária que se tenha um partido que forme quadros revolucionários, que forme seus Intelectuais Orgânicos e que, tenha uma concepção de mundo e de Estado, tarefas que o PSI não cumpriu.

Somada à ressalva, juntamente com a luta no campo econômico, a atmosfera criada possibilitava a tomada do Estado. Sobre o clima da época, Gramsci enfatizava que até mesmo a “mais elementar noção de psicologia política autorizava a previsão de que tal governo, depois da violenta apropriação do

organismo estatal, teria a seu lado a maioria da população, teria sido efetivamente um governo da maioria” (GRAMSCI, 2004, p. 27).

O PSI não conseguiu organizar a situação política criada, ou seja, foi incapaz de organizar “a vida política do povo italiano, de dar-lhe uma direção, de orientar a vanguarda da revolução popular de modo a infundir-lhe uma precisa consciência de suas tarefas particulares, de suas específicas possibilidades” (GRAMSCI, 2004, p. 27). O PSI enveredou pelo caminho reformista ou de no máximo de sabotador do 'Estado burguês' mas não de fundador de um novo Estado. (GRAMSCI, 2004).

A atmosfera criada na estrutura possibilitava a tomada da superestrutura. Não o contrário. A base é materialista, não idealista. Talvez daí surja à ideia de antecipar a escola unitária para o presente, de modo a preparar subjetivamente as massas para a revolução pela educação escolar. Assunto tratado nas seções seguintes.

### ***Breves notas a respeito da discussão entre gramsci e trotski e questões sobre a dialética da coerção***

No texto Americanismo-fordismo, Gramsci citando Trotsky, elenca alguns elementos importantes que demonstra a validade da ideia de que a hegemonia vem da fábrica. Em primeiro lugar é preciso ressaltar que a Rússia, à época da revolução de 1917, era um país majoritariamente rural. A hegemonia nasce na fábrica e desta precisa quando se trata da competição entre dois projetos sociais distintos, por isso a marcha forçada rumo à industrialização foi necessária.

Na Itália buscou implementar os princípios da indústria racionalizada por meio da coerção, uma vez que, além das camadas sedimentadas, havia a tentativa de aliar o novo ao velho. Diferentemente dos motivos italianos a implementação de elementos do modelo fabril dos EUA na URSS valeu-se também do artifício coercitivo. Frente este contexto, Gramsci destaca que as preocupações de Trotsky “eram justas, mas as suas soluções práticas eram profundamente erradas; e o perigo estava neste desequilíbrio entre teoria e prática”. (GRAMSCI, 1984, p. 396).

Gramsci destaca que Trotsky, na marcha rumo à industrialização, partiu de uma:

[...] excessiva e resoluta (portanto não racionalizada) vontade de dar supremacia, na vida nacional, à indústria e aos métodos industriais, de acelerar, usando meios coercitivos externos, a disciplina e a ordem na produção, de adaptar os costumes às necessidades do trabalho (GRAMSCI, 1984, p. 396).

O “princípio da coerção, direta e indireta, na organização da produção e do trabalho, é justo, mas a forma assumida era errada: o modelo militar tornara-se uma predição funesta, e os exércitos do trabalho faliram”. (GRAMSCI, 1984, p. 396).

Em que pese às diferenças entre o desenvolvimento das forças produtivas nos Estados Unidos e na URSS, um fator deve ser destacado: a preocupação em criar um novo tipo humano. Obviamente que o novo tipo humano socialista não poderia ser o tipo pensado nos EUA. Sobre este aspecto Gramsci ressalta que “os novos métodos de trabalho estão ligados a um determinado modo de viver, de pensar, de sentir a vida; não é possível obter êxito num campo sem obter resultados tangíveis no outro”. (GRAMSCI, 1984,

p. 396).

Contudo, Gramsci ciente de que não é possível que todos ao mesmo tempo cheguem a este patamar, ou seja, de incorporarem os novos valores, assinala que

[...] este equilíbrio só pode ser externo e mecânico, mas poderá tornar-se interno se for proposto pelo próprio trabalhador, e não imposto de fora. Se for proposto por uma nova forma de sociedade, como meios apropriados e originais. (GRAMSCI, 1984, p. 397).

Aqui a dialética surge com uma força impressionante. *O equilíbrio só pode ser externo e mecânico*, pois o que está em jogo é a disputa por concepções de mundo distintas. O processo revolucionário de 1917 tem junto, ao mesmo tempo, os pensamentos e ações mais avançadas e progressistas e as mais retrógradas concepções de mundo. É preciso agir coercitivamente no sentido de imputar, propagandear o materialismo histórico dialético como concepção de mundo. Uma vez compreendido, internalizado este processo, eliminada – na medida do possível, uma vez que todo homem tem uma mente heteróclita - as fantasias ilusórias e fantasmagóricas da religião, os desvios idealistas, etc., a assunção passaria a fazer parte do próprio trabalhador. Mas este processo se dá no controle das forças produtivas, na medida em que se vê livre da exploração capitalista.

Mas o que Gramsci quer dizer com *meios apropriados e originais*? Esta é uma questão que está intimamente ligada à formação deste novo homem. Como formar este novo homem? Qual a maneira de *agir externa e mecanicamente* e fazer com que estes homens incorporem tais valores? Penso que esta foi uma das preocupações de Gramsci – em constante diálogo com o pensamento pedagógico presente na URSS - preocupações estas expressas no texto *A Organização da Escola e da Cultura* (1978).

### ***O trabalho como princípio educativo historicamente determinado: a não unidade entre escola e vida e a unidade entre vida e escola.***

Gramsci (1978) afirma que a crise da escola – escola italiana do início do século XX - é decorrente do afastamento, da não unidade entre escola e vida. Nas palavras do autor:

[...] na velha escola, o estudo gramatical das línguas latina e grega, unido ao estudo das literaturas e histórias políticas respectivas, era um princípio educativo na medida em que o ideal humanista, que se personifica em Atenas e Roma, era difundido em toda a sociedade, era um elemento essencial da vida e da cultura nacionais (GRAMSCI, 1978, p. 133).

O princípio educativo da velha escola italiana estava voltado à formação de quadros dirigentes que nasceram no seio da oligarquia parasitária, ou seja, por uma questão de classe, o trabalho não era, definitivamente, o princípio educativo. A partir do momento em que o desenvolvimento das forças produtivas começa a forcejar a crosta sedimentária italiana, a educação escolarizada também passa a sofrer pressão.

É verdade que Gramsci afirma que o trabalho é o princípio educativo da escola elementar. Todavia, não há em tal afirmação uma só gota de 'positividade'. Muitos autores brasileiros ancoram seus argumentos na célebre formulação de Manacorda (2010) sobre a expressão positiva e negativa do trabalho.

Obviamente que é neste trabalho historicamente determinado, portanto sua expressão negativa, que o homem ao transformar a natureza transforma-se, etc.. No entanto, isto pouco ou nada diz, a dialética sozinha não revoluciona nada, o que existe é um antagonismo irreconciliável, entre capital e trabalho. Na medida em que o trabalho passa a ser o princípio educativo da escola elementar italiana, Gramsci (1978) passa a ressaltar o caráter negativo deste trabalho e as implicações para a escola, e principalmente, para os estudantes operários e filhos de operários.

A crise da escola ocorre no momento em que as transformações no mundo do trabalho exigem tais mudanças, por isso a necessidade de demonstrar como o desenvolvimento das forças produtivas de tipo fordista revolucionou por completo o modo de vida plutocrático italiano, e não por acaso, da emergência da Reforma Gentile.

Um dos fatores negativos a partir da reorganização da escola com a Reforma Gentile é a assunção -no plano formal – de uma escola de caráter democratizante que, por trás da aparência, reforça as cristalizações de tipo chinesas (GRAMSCI, 1978). Outro fator a ser destacado é a influência do ideal escolanovista, principalmente da questão do deslocamento da disciplina – é bom lembrar que a velha escola italiana se utilizava, por exemplo, da imposição mecânica e da capacidade de abstração obtidas com o estudo do latim para a formação da camada dirigente - ao espontaneísmo. Neste ponto Gramsci é taxativo quando afirma que não há unidade entre escola e vida, e, que a participação espontânea, “ativa do aluno na escola só pode existir se a escola for ligada à vida” (GRAMSCI, 1978. p. 133). A positividade de o trabalho ser o princípio educativo reside neste ponto, qual seja a superação do Estado burguês e o surgimento de novas relações sociais de produção que tenha como horizonte estratégico o comunismo. A positividade do trabalho como princípio educativo depende única e exclusivamente da revolução.

Esta é uma questão que parece 'esquecida' por parte da esquerda brasileira que se dedica a educação, qual seja, a revolução. A preparação subjetiva das massas aliada a guerra de posições não pode ser tarefa da escola pública do Estado burguês, esta escola não é dentro da obra Gramsciana a via, nem da preparação subjetiva das massas para a revolução, nem tampouco uma trincheira avançada nos 'interstícios' deste Estado. A escola contribuirá, e muito, ao criar

[...] os primeiros elementos de uma intuição de mundo liberta de toda magia ou bruxaria, e fornece o ponto de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórico-dialética do mundo, para a compreensão do movimento, do devenir, para a valorização da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente, para a concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro. É este o fundamento da escola elementar. (GRAMSCI, 1978, p. 131).

Não é pequena a tarefa que cabe à escola, o folclore, a religião e o senso-comum são entraves monumentais que devem ser combatidos a partir da ciência e do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade. Não é pequena, nem apequenada o papel da escola no processo revolucionário.

### **Conclusão**

Se a hegemonia nasce na fábrica porque há a crença que a disputa pela hegemonia se dá por

dentro do Estado burguês? Qual a razão para crer que a guerra de posição deve ser travada no âmbito Estatal burguês? Em que medida esta crença não passou a justificar a educação, notadamente a educação escolarizada pública, um papel de destaque ‘rumo a revolução’?

Uma das ideias que justificam tal crença – a centralidade da hegemonia via Estado burguês - tem a entrada justamente pela educação escolarizada. Isto é decorrente de uma série de equívocos em relação à ideia de escola unitária descolada do contexto da Revolução Russa de 1917, e principalmente, da não compreensão do pressuposto Gramsciano de que a revolução deve ser precedida pela preparação subjetiva das massas fora do âmbito formal de educação, ou seja, como função do Partido e da criação de escolas do partido.

Escola Unitária pressupõe unidade entre teoria e prática, deve ser o “início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial, não apenas na escola, mas em toda a vida social” (GRAMSCI, 1978, p. 125). É impossível deslocar a escola unitária do contexto revolucionário Soviético, o próprio título da seção que trata sobre a escola Unitária é denominado de *A Organização da Escola e da Cultura*. Ou seja, não é a escola que organiza a cultura, a escola cabe o papel de contribuir com a organização de uma nova cultura em estágio de transição revolucionária.

Não é à toa que Gramsci observa a necessidade de distinguir a escola Unitária, ou escola Ativa, da escola Criadora. A primeira deve seguir o princípio unitário, como mencionado anteriormente, e deve ser ativa no sentido coercitivo de transição revolucionária. Na escola ativa é o Estado que deve ser o responsável pela formação das novas gerações. Por Estado deve-se entender a Ditadura do Proletariado, agindo ativamente, coercitivamente sobre os setores renitentes e que disponibilize um único tipo de escola, uma escola classista. Esta escola única, classista e ativa teria como objetivo “disciplinar, portanto a nivelar, a obter certa espécie de conformismo, que pode ser chamado de dinâmico” (GRAMSCI, 1978, p. 124). Dito de outra forma, “se for proposto por uma nova forma de sociedade, como meios apropriados e originais”. (GRAMSCI, 1984, p. 397).

O dinamismo apontado pelo autor refere-se à superação, a transição, ao movimento de ultrapassagem de um modo de produção inferior em direção a uma sociedade qualitativamente superior, dinamismo este que necessita do conformismo no âmbito escolar com vistas à organização de uma nova cultura. Neste contexto a escola tem papel fundamental no processo revolucionário e só pode ser entendida neste cenário.

A escola Criadora seria então o 'coroamento da escola ativa', ou seja, “sobre a base já atingida de coletivização do tipo social (obtida na escola unitária, classista e ativa) tende-se a expandir a personalidade, tornada autônoma e responsável, mas com uma consciência moral e social sólida e homogênea” (GRAMSCI, 1978, p. 124). Não há espaços para interpretações que desconsiderem o processo revolucionário como base necessária para organizar a escola. *A Organização da Escola e da Cultura* refere-se à contribuição da educação escolar para organizar a cultura almejada no processo revolucionário e a formação de um homem de novo tipo.

A educação escolarizada pública vem sofrendo uma série de ataques, seja do ponto de vista da mercantilização, do deslocamento da disciplina ao espontaneísmo, seja ainda via inundação de afazeres que



não são responsabilidade das escolas<sup>4</sup>. Em que medida nós do campo da esquerda marxista não incorremos no mesmo erro? Dito de outro modo, em que medida não contribuimos com nosso balde de água nesta catadupa que devassa a escola quando a ela imputamos o papel de trincheira avançada dentro do Estado na Guerra de Posições?

Existem as condições necessárias – no caso dos exemplos citados por Gramsci, como um Partido Comunista com proposta de Estado, com formação de quadros de intelectuais orgânicos afinados nas três frentes de luta citadas no texto de 1925<sup>5</sup> para assumirmos a escola como trincheira avançada? É possível desconsiderar a atmosfera criada no início do século XX na Itália, em grande parte por conta da Revolução de 1917? Existe uma estratégia definida e objetivos táticos esboçados ou trata-se de um *arditismo* individualizado, ou no máximo, levado a cabo por pequenos grupos?

Com efeito, os exemplos do parágrafo anterior – longe de se configurarem um passo-a-passo – enfatizam o contexto histórico do autor. Insistimos que é preciso ser justo ao pensamento de Gramsci, e não colocar em sua boca táticas tergiversadas. Se incorreremos neste erro estaremos descartando o pensamento, a vida, a ação de um dos maiores estrategistas marxianos do século XX, por mais que se deseje o contrário.

### **Referências**

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. Ed.: Cortez, 2011;

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**; organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968;

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. Ed. - Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – RJ, 1978. Tradução de Carlos Nelson Coutinho;

GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. 5. ed. - Editora Civilização Brasileira – Rio de Janeiro, 1984. Tradução Carlos Nelson Coutinho;

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos**. Vol. 2 / organização e tradução Carlos Nelson Coutinho. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004;

MACHADO, L. R. S. **Politecnia, escola unitária e trabalho**. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados, 1989<sup>3</sup>;

MACHADO, L. R. S. Politecnia, escola unitária e trabalho: lições do passado e do presente. Revista Trabalho Necessário. Issn: 1808 - 799X ano 13, número 20 – 2015. Disponível em: <[http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN\\_20/11\\_Lucilia\\_.pdf](http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_20/11_Lucilia_.pdf)> Acesso em: 28 de jun. de 2018;

MANACORDA, Mario, A. **Marx e a Pedagogia moderna**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2 Ed;

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política: Livro I** – 29. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011;

SAVIANI, Dermeval. **Debate sobre educação, formação humana e ontologia a partir da questão do método dialético**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 31 n. 1, 185-209, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175795X.2013v31n1p185/25654>> Acesso em 28 de jun. de 2018;

SOARES, Rosemary Dore. **Escola Nova versus Escola Unitária: contribuições para o debate**. Revista Educação & Sociedade, ano XVII, 1996;

---

SOARES, Rosemary Dore. **A concepção Gramsciana do Estado e o debate sobre a escola**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000;

---

**Notas:**

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE/UFSC. Email: [gilrassico@gmail.com](mailto:gilrassico@gmail.com)

<sup>2</sup> Não iremos, neste texto, discutir com os autores citados no resumo. Sugiro que os leitores leiam as obras citadas e cotejem com minha argumentação.

<sup>3</sup> Frederick Winslow Taylor (1856-1915);

<sup>4</sup> Como por exemplo, a campanha de combate ao mosquito da Dengue, ou ainda, as ações sobre Educação do Trânsito;

<sup>5</sup> Necessidade de uma preparação ideológica de massa – impresso e divulgado em 1925. In. *Escritos Políticos*. V. 2 (2004).